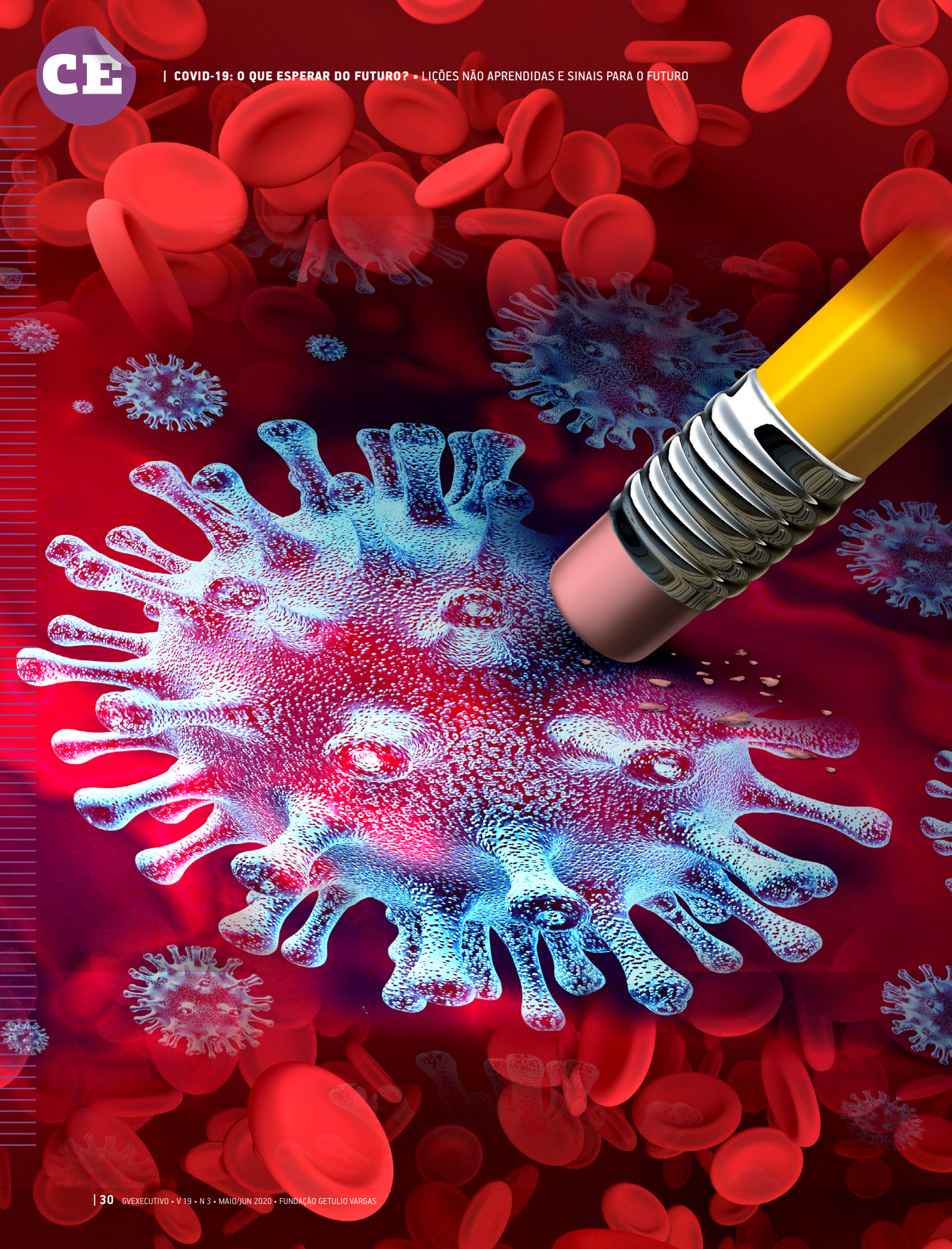


LIÇÕES NÃO APRENDIDAS E SINAIS PARA O FUTURO

| POR **MARCO ANTONIO CARVALHO TEIXEIRA**

Governos, organizações e mídia falharam ao não tirarem aprendizados prévios da experiência chinesa para enfrentarmos a pandemia no Brasil, mas a valorização das evidências científicas e das ações governamentais pode nos preparar melhor para o futuro.

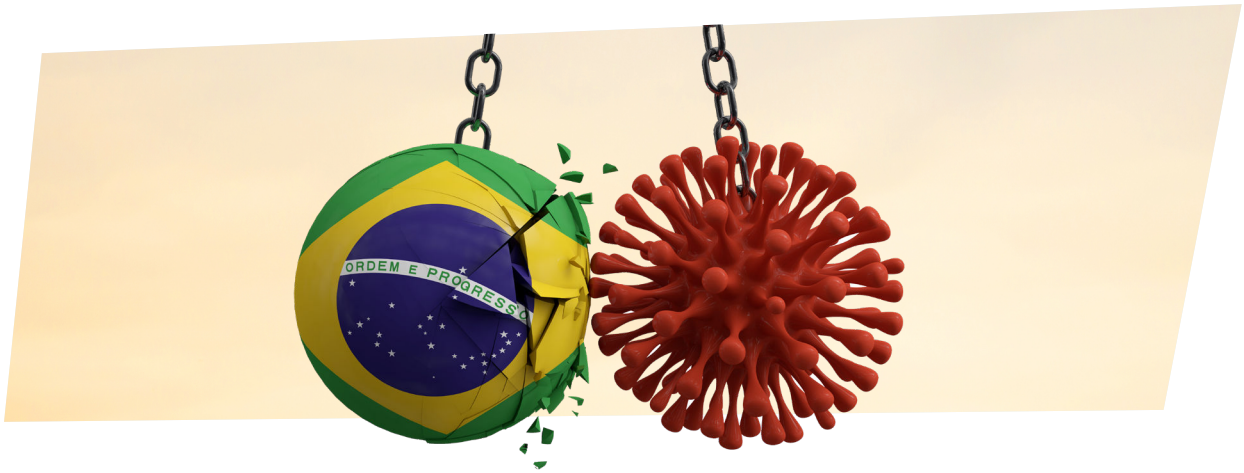
Os primeiros casos da Covid-19 no mundo foram registrados no fim de 2019 em Wuhan, capital da província chinesa de Hubei. Naquele momento, parte dos governos ocidentais observava a proliferação da doença como que tomada pelo susto e pela falsa ilusão de que a distância poderia ser uma barreira para impedir que a tragédia chegasse aos seus países. Wuhan decretou uma quarentena (isolamento social horizontal) rigorosa no fim de janeiro de 2020, mas a doença espalhou-se rapidamente, chegando logo em seguida a Europa, Américas e África. Em março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a Covid-19 como uma pandemia global. Naquele momento, já eram registrados 118 mil casos em mais de uma centena de países e mais de quatro mil óbitos.

No Brasil, o primeiro caso de coronavírus foi identificado oficialmente pelo Ministério da Saúde em 26 de fevereiro, e a primeira morte ocorreu em 17 de março, ambos em São Paulo, apesar de haver dúvidas sobre se óbitos anteriores por insuficiência respiratória não teriam tido a Covid-19 como a causa real. Em apenas 60 dias, o Brasil chegou a números de casos e óbitos superiores aos alcançados pela China ao longo de quase seis meses de enfrentamento da pandemia.

Por que governos e sociedade não tiraram aprendizados prévios da experiência chinesa para enfrentar a chegada da pandemia no Brasil? Quais lições podemos tirar para o futuro?

NÃO TIRAMOS LIÇÕES?

As falhas que provavelmente levaram à explosão de casos não foram apenas um problema do Brasil, mas, como se sabe, também atingiram a Europa e, de maneira geral, Américas e praticamente todo o globo. No Brasil, ficaram evidenciados lapsos que vão de escolhas desacertadas e limitações nas decisões governamentais e nas políticas públicas, que não conseguiram nem ao menos retardar a proliferação do vírus, à percepção equivocada de diferentes segmentos sociais acerca de como e quando o problema inevitavelmente chegaria ao Brasil.



Na primeira quinzena de março, no auge da explosão de casos e mortes na China e na Itália, a imprensa repercutia a falta de componentes importados dos chineses para a indústria de tecnologia da informação no Brasil.

MÍDIA E SEGMENTOS EMPRESARIAIS

Na primeira quinzena de março, no auge da explosão de casos e mortes na China e na Itália, a imprensa repercutia a falta de componentes importados dos chineses para a indústria de tecnologia da informação no Brasil. Noticiava que indústrias de eletroeletrônicos no Vale do Paraíba, em São Paulo, estavam antecipando férias coletivas para seus funcionários, destacando que a situação decorria da falta de produtos chineses, o que já ameaçava milhares de empregos de brasileiros no setor de informática. Não demonstrava preocupação com a chegada do vírus no país.

Também era possível verificar preocupação do setor automotivo brasileiro com a falta de componentes produzidos pela China, sobretudo peças, em decorrência da paralisação da produção naquele país. Um diretor de uma grande montadora previa a normalização dos estoques, uma vez que a China já começava a retomar a produção e demoraria um pouco mais para que o mundo sentisse os efeitos da volta dessa normalização. Mais um exemplo de que o problema não só não nos pertencia, como também não nos pertenceria. Naquele momento, nem a mídia, nem governos, nem parcela do empresariado trabalhavam com a ideia de que a pandemia chegaria ao Brasil, causando os mesmos efeitos verificados na China e na Europa, onde a propagação do vírus, depois da Itália, já começava a impactar fortemente a França, a Alemanha, a Espanha e Portugal.

Parece que governantes e segmentos empresariais haviam perdido a dimensão de que as pessoas transitavam mundo afora e que elas poderiam trazer o vírus de qualquer um desses lugares em que a pandemia já havia se espalhado. Foi desconsiderado por segmentos empresariais o fato de a China ser um dos principais centros da produção capitalista global, o país em que grandes grupos empresariais mantêm suas plantas de produção e onde pessoas de várias partes do mundo trabalham ou para lá se deslocam constantemente. Não por acaso, os primeiros casos registrados no Brasil foram trazidos após o regresso de brasileiros que estavam em viagem a turismo ou a trabalho em alguns dos países mais afetados, como a Itália e a própria China. Os primeiros casos foram ocorrendo sem que o Brasil tivesse, mesmo já ciente da pandemia, erguido barreiras sanitárias preventivas nos seus principais aeroportos.

ERROS E ACERTOS GOVERNAMENTAIS

No que se refere às decisões governamentais, ficou evidenciada a excessiva demora na criação de uma estrutura preventiva que fosse capaz de reduzir os efeitos da pandemia, mesmo com todos os alertas já emitidos pela China, pela Itália e por países asiáticos que passaram pelos efeitos devastadores do vírus. Por exemplo, a escolha pelo isolamento social horizontal deu-se apenas na segunda quinzena de março, apesar do que a China e a Itália já haviam mostrado ao mundo como erros e acertos de suas estratégias de enfrentamento dessa pandemia.

Apesar da tragédia social do coronavírus na região italiana da Lombardia, altamente repercutida no Brasil, em que autoridades públicas de Milão mostravam arrependimento em não ter decretado quarentena antes, governos brasileiros não encontraram consenso para coordenar respostas comuns ao problema. Alguns estados reagiram imediatamente, decretando quarentena e buscando equipar urgentemente hospitais públicos para situações de emergência; Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, entre outros, seguiram esse caminho. Outros ou resistiram ou demoraram para reconhecer o problema, assim como foram abrandando as medidas de isolamento sem que as evidências demonstrassem que era o momento de abrandar – como nos casos de Mato Grosso, Minas Gerais e Santa Catarina.

Para piorar, o presidente da república, que deveria exercer o papel de articulador de uma ação conjunta com prefeitos e governadores, acabou não apenas se mostrando contra o isolamento, em confronto com as diretrizes do seu ministro da Saúde, mas também desqualificando a pandemia. Chamou-a de *gripezinha* e estimulou a população a sair da quarentena quando foi às ruas sem proteção, abraçando seus correligionários e apertando a mão deles.

A postura do presidente dava a entender que se tratava de um problema dos outros países, dos outros povos, e não nosso, apesar de toda a tragédia que o mundo nos mostrava. Era como lutar contra a realidade. Não apenas parte de nossos governos se mostrava alheia à gravidade do que se passava no mundo, mas parcela do nosso setor empresarial e da mídia também, ao menos no início da pandemia, seguiu esse caminho.

OLHANDO PARA O FUTURO

Por fim, podemos tirar aprendizados desse processo que tem se caracterizado pelo isolamento social e por uma rápida mudança em nosso comportamento em ambientes públicos, entre os quais destaco dois aqui.

O primeiro é que não se pode tomar decisões governamentais sem que se esteja amparado em evidências científicas. Será difícil quantificar os casos e óbitos ocorridos em função da negligência governamental, mesmo diante do tamanho do problema que se colocou primeiramente em países como China e Itália e depois no nosso próprio território. Chama a atenção a existência de governantes que ainda minimizam o problema ou sugerem tratamentos de efeitos duvidosos e que ainda não foram validados por pesquisas científicas.

O segundo tem a ver com a ressignificação do papel do Estado e das políticas públicas. Faz-se importante lembrar que o investimento público no Sistema Único de Saúde (SUS), de maneira geral, vinha sendo colocado em questão em vários governos. Quem não se lembra de frases como "os recursos públicos não suportam um sistema de saúde universalizado e desse tamanho"? Quem não se lembra do desmonte do Programa Mais Médicos, cuja consequência imediata foi deixar milhares de pessoas que moram em pequenos municípios sem acesso a sequer um médico em suas cidades?

Ou seja, mesmo detratado por alguns e padecendo de recursos, o SUS nos salvou! Ou melhor, talvez seja exagero falar em salvação, mas pelo menos vem ajudando a evitar que a nossa tragédia seja ainda maior. Sim, falo aqui da política pública tocada por governos e que tem à frente milhares de servidores e de prestadores de serviços de saúde que trabalham muitas vezes em situações inóspitas. Foram eles que passaram a ser saudados, com toda a justiça, não apenas no Brasil, mas em várias partes do mundo.

A valorização do público e da ação governamental é uma mudança para a qual ainda não se tem a certeza de que vai se consolidar no futuro próximo, mas a pandemia mostrou na prática a importância de governos, de políticas públicas e de profissionais do serviço público e de prestadores de serviços para a saúde nesse momento em que a vida é o que mais importa, uma vez que é algo que, se perdido, diferentemente da economia, não se consegue mais recuperar. ●

PARA SABER MAIS:

- G1. *Brasil aparece entre os 10 países com mais mortes por Covid-19, mostra levantamento*, 27 abr. 2020. Disponível em: g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/27/brasil-aparece-entre-os-10-paises-com-mais-mortes-por-covid-19-mostra-levantamento.ghtml
- Gustavo Brigatto. *Com falta de componentes, LG dá férias coletivas em Taubaté (SP). Valor Econômico*, 2 mar. 2020. Disponível em: valor.globo.com/empresas/noticia/2020/03/02/com-falta-de-componentes-lg-da-ferias-coletivas-em-taubate-sp.ghtml
- Economia & Mercados. *Toyota diz ter estoque suficiente de peças e não sofrer com falta por coronavírus. Estadão Conteúdo*, 10 mar. 2020. Disponível em: broadcast.com.br/cadernos/financeiro/?id=bEdJRE43RlJLdWxSV2FNUy9XclNudz09

MARCO ANTONIO CARVALHO TEIXEIRA > Professor da FGV EAESP > marco.teixeira@fgv.br